



Letramento sociolinguístico em evidência: análise do fenômeno sociolinguístico despalatização seguida de iotacismo na letra de canção *Cuitelinho*

Romilia de Sá Feitosa¹
Maria da Guia Taveiro Silva²

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o fenômeno sociolinguístico *despalatização seguida de iotacismo*, na letra de canção *Cuitelinho*, de Pena Branca e Xavantinho; e como específicos visa: identificar o fenômeno sociolinguístico *despalatização seguida de iotacismo*, na canção *Cuitelinho*; realizar a transcrição fonético-fonológica das variantes identificadas com a variável investigada nesta pesquisa; e evidenciar como a canção *Cuitelinho*, possibilita o letramento sociolinguístico, promovendo a valorização das formas linguísticas não cultas. Em relação aos procedimentos metodológicos, foram aplicadas a abordagem qualitativa e as pesquisas exploratória e documental. Como resultado, constatou-se a presença de variantes estigmatizadas com o fenômeno sociolinguístico *despalatização seguida de iotacismo*. Nesse viés, a música *Cuitelinho* permite um estudo produtivo em relação à diversidade linguística, pois tal canção evidencia uma linguagem repleta de variantes advindas dos falares das classes menos favorecidas da sociedade. Portanto, são necessárias práticas de letramento que envolvam todos os falares, cultos e não cultos.

Palavras-chave: Letramento sociolinguístico; Variantes estigmatizadas; Canção *Cuitelinho*.

1. Introdução

Esta investigação foi desenvolvida mediante uma pesquisa realizada na disciplina “Linguagem e Multiletramentos” do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLe, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Em decorrência do atual cenário educacional brasileiro, o qual segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF (2024), demonstra baixos índices de alfabetização e letramento, faz-se necessária a realização de métodos de ensino que possibilitem aos alunos desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, voltadas não somente para codificação e decodificação, mas também a pensar, criticar e compreender as diferentes realidades sociais existentes. Um dos caminhos para isso é trabalhar de maneira enfática a variação linguística, englobando linguagem formal e informal.

Nesse viés, o presente estudo tem como questão norteadora: de que maneira o fenômeno sociolinguístico *despalatização seguida de iotacismo* se manifesta na música *Cuitelinho*? Assim exposto, delineou-se como objetivo geral analisar o fenômeno sociolinguístico *despalatização seguida de iotacismo*, na letra de canção *Cuitelinho*, de

¹ Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. E-mail: romilia.sa.feitosa@uemasul.edu.br.

² Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. E-mail: maria.silva@uemasul.edu.br.

Pena Branca e Xavantinho; e os específicos: identificar o fenômeno sociolinguístico *despalatização seguida de iotacismo* na canção *Cuitelinho*; realizar a transcrição fonético-fonológica das variantes identificadas com a variável investigada nesta pesquisa; e evidenciar como a música *Cuitelinho* possibilita o letramento sociolinguístico, promovendo a valorização das formas linguísticas não cultas.

Nesse viés, o estudo mostra-se relevante por indicar uma proposta de ensino pautada em uma prática de letramento envolvendo a variação linguística, promovendo, assim, a valorização das variantes socialmente estigmatizadas, com o intuito de combater o preconceito linguístico e, conseqüentemente, possibilitar um ensino também baseado na cultura do aluno, favorecendo, assim, o processo de aquisição da língua padronizada.

Em relação aos procedimentos metodológicos, foram aplicadas a abordagem qualitativa e as pesquisas exploratória e documental. A fundamentação teórica baseou-se nos estudos Bortoni-Ricardo (2004), Mollica (2008), Ferrarezi Junior (2014), Bagno (2015), Coelho *et al.* (2018) e Freitag (2025), que abordam em suas pesquisas a variação linguística, as variantes estigmatizadas e preconceito linguístico; além disso, para discutir sobre letramento, utilizou-se Soares (2009), Bortoni-Ricardo (2012) e Street (2014). O trabalho é composto por esta seção, Introdução, como também pela Fundamentação Teórica, Metodologia, Resultados e discussão e Considerações finais.

2. Fundamentação teórica

O cenário educacional brasileiro é marcado por uma ampla valorização da cultura da elite e exclusão dos elementos culturais das camadas populares. Diante disso, a língua valorizada e legitimada pela escola é a utilizada pelos falantes das classes mais abastadas, as variedades cultas e padronizadas. Em contrapartida, as demais formas linguísticas são excluídas das práticas de letramento promovidas pelas instituições de ensino de educação básica, ocasionando inúmeros problemas para o processo de ensino e aprendizagem do estudante, principalmente o preconceito linguístico.

Conforme o explicitado, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, ressalta nas habilidades EF69LP55 e EF69LP56 que o aluno deve, obrigatoriamente, “Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” e “Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (Brasil, 2017, p. 159).

Contudo, nota-se que as escolas tendem a trabalhar práticas de letramento envolvendo escrita e leitura somente com a norma-padrão, e a abordar de maneira ineficiente a variação linguística.

Nessa seara, Bortoni-Ricardo (2012, p. 119) faz uma ressalva em relação às práticas de letramento envolvendo a variação linguística, ao afirmar que “A aquisição da língua padrão por meio da exposição a modelos dessa variedade em sala de aula é um tema que ainda não recebeu suficiente atenção”, mesmo com os estudos sociolinguísticos evidenciando “[...] as consequências educacionais da variação linguística”, quando ela não é abordada de maneira eficiente em âmbito escolar.

Letramento, nesse caso, pode ser definido como “[...] o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever” (Soares, 2009, p. 18), trata-se de “práticas sociais”, consoante a Street (2014, p. 13). Nesse viés, o indivíduo letrado é aquele que, além da codificação e decodificação da escrita, consegue atribuir sentido às coisas ao seu redor, assim como compreende as realidades do mundo em que vive. É nessa perspectiva que o ensino de Língua Portuguesa deve ser empregado, o aluno precisa aprender a fazer uso de uma língua que não é sua, para poder compreender a cultura do outro, mantendo seu falar e sua identidade sociocultural.

Nota-se, no entanto, a exclusão realizada na escola, dos falares dos estudantes das camadas populares e imposição da língua socialmente prestigiada. Isso acontece, segundo Mollica (2008), em razão da atribuição de valores negativos às variantes proferidas por falantes de classes menos abastadas, processo que a autora nomeia como *estigmatização*, no qual, a depender da classe social do usuário da língua, são colocados estigmas, marcas nesses falares, como ocorre com as variantes utilizadas pelos desfavorecidos economicamente, as chamadas *variantes socialmente estigmatizadas*.

Em consonância, Freitag (2025, p. 97) salienta que “há estereótipos sobre grupos, bem como sobre a maneira como as pessoas falam. Isso inclui crenças generalizadas sobre características linguísticas associadas a determinados grupos”. Logo, os valores negativos atribuídos à fala dos falantes de classes marginalizadas estão ligados à classe social, e não estritamente à língua, alimentando, dessa forma, a problemática do preconceito linguístico. Bagno (2015, p. 68) conceitua o preconceito linguístico como qualquer forma de discriminação linguística, a qual tem como base o círculo vicioso “Ensino Tradicional-Gramática Tradicional-Livros Didáticos”.

Nesse cenário, busca-se por meio do gênero textual música, uma forma de expressão e comunicação “presente em todas as culturas [...], nos mais diversos ambientes

e em todas as fases do desenvolvimento da pessoa” (Rosa, 2022, p. 60). Diante disso, na canção *Cuitelinho*, de Pena Branca e Xavantinho, proporciona-se a valorização da variação linguística, ressaltando, primordialmente, o fenômeno oriundo de variação fonológica *despalatização seguida de iotacismo*.

A variação linguística, nesse sentido, é toda e qualquer mudança que ocorre na língua (Mollica, 2008). Nesse caso, a variação fonológica, um tipo de variação linguística, conforme Coelho *et al.* (2018), dá-se no nível fonológico, ocorre mediante a mudança, redução ou exclusão de segmentos sonoros, como acontece com o fenômeno sociolinguístico investigado neste trabalho, a *despalatização seguida de iotacismo*. Coelho *et al.* (2018, p. 25) define tal fenômeno como “a perda da palatização”, troca de “lh por l”, a exemplo de “palha / palia”; em contrapartida, o iotacismo, segundo os autores, seria a exclusão do “l” com a “evolução da vogal i para uma semivogal correspondente”, a exemplo do que ocorre em “palia / paia”. Com essa mesma concepção, Bortoni-Ricardo (2004) define esse fenômeno sociolinguístico como “[...] a vocalização da consoante palatal lh”, semelhante ao que ocorre com “folha/foia”.

Para tanto, conforme salienta Ferrarezi Jr. (2014, p. 57), “o padrão que o aluno fala e entende precisa ser valorizado e respeitado”, como também “o padrão de prestígio, se ainda não é dominado pelo aluno, precisa sê-lo, para que possa servir de ‘arma’ contra o preconceito linguístico [...]”. É mediante o trabalho com a norma padrão e não padrão que a competência comunicativa do estudante é desenvolvida, por isso a importância de se trabalhar práticas de letramento relacionadas à variação linguística e à norma padronizada.

3. Metodologia

Nesta pesquisa, adotou-se a abordagem qualitativa em razão da interpretação de um fenômeno sociolinguístico presente na sociedade, a *despalatização seguida de iotacismo*, comum nos falares socialmente estigmatizados. Sobre esse tipo de abordagem, Mascarenhas (2018, p. 47) ressalta que usamos “a pesquisa qualitativa quando queremos descrever nosso objeto de estudo com mais profundidade”, sendo comum utilizá-la “em estudos sobre o comportamento de um indivíduo ou um grupo social”.

Além disso, foram aplicadas as pesquisas exploratória e documental. Em relação à pesquisa exploratória, Mascarenhas (2018, p. 48) ressalta que ela “é recomendada para

quem pretende criar familiaridade com um problema [...]”. No que concerne este estudo, a problemática vigente trata-se da estigmatização e consequentemente preconceito linguístico, referente às variantes linguísticas presentes na canção analisada, com a variável *despalatização seguida de iotacismo*. A pesquisa documental foi aplicada em virtude da música ser considerada um tipo de documento. Conforme enfatiza Nunes e Peruyera (2021, p. 30), nesse tipo de pesquisa “os dados são retirados diretamente da fonte”, é o que acontece, por exemplo, com músicas, filmes, fotografias e outras fontes.

Propõe-se, dessa forma, a análise da música *Cuitelinho*, de Pena Branca e Xavantinho, como um material pedagógico para os Últimos Anos do Ensino Fundamental, especificamente, 9º ano, uma vez que a BNCC (2017) destaca que nesta etapa de ensino, o aluno deve reconhecer a variação linguística presente na sua língua. Para mais, realizou-se uma transcrição fonética baseada na obra de Silva (2017), intitulada “Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios”, assim como no Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

4. Resultados e discussões

A música *Cuitelinho*, de Pena Branca e Xavantinho, utilizada para a extração do *corpus* deste estudo, apresenta quantidade significativa de variantes sem prestígio social. O Quadro 1, a seguir, evidencia algumas destas variantes, em especial, palavras com o fenômeno sociolinguístico *despalatização seguida de iotacismo*:

Quadro 1: Variantes com *despalatização seguida de iotacismo* identificadas na canção *Cuitelinho*

Formas linguísticas padronizadas	Formas linguísticas socialmente estigmatizadas
Espalha [es'paʎɔ]	Espaia [es'pajɔ]
Parentalha [parẽ'taʎɔ]	Parentaia [parẽ'tajɔ]
Batalha [ba'taʎɔ]	Bataia [ba'tajɔ]
Navalha [na'vaʎa]	Navaia [na'vaja]
Falha ['faʎɐ]	Faia ['fajɐ]
atrapalha [atra'paʎɔ]	Atrapaia [atra'pajɔ]

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

No Quadro 1, na coluna “Formas linguísticas socialmente estigmatizadas”, há inúmeras variantes que exemplificam o fenômeno sociolinguístico chamado por Coelho *et al.* (2018) como *despalatização seguida de iotacismo*. As palavras espalha, parentalha, batalha, navalha, falha e atrapalha, formas linguísticas cultas, no processo de despalatização, perdem o “h” e são representadas respectivamente como “espalia”, “parentalia”, “batalia”, “navalia”, “falia” e “atrapalia”. Em seguida, tais variantes passam por um outro processo, o de iotacismo, em que o som consonantal [l] é excluído, ocorrendo a fusão vocálica [jɐ], assumindo novas formas linguísticas, como “Espaia” [ɛs'pajɐ], “Parentaia” [parɛ'tajɐ], “Bataia” [ba'tajɐ], “Navaia” [na'vaja], “Faia” ['fajɐ] e “Atrapaia” [atra'pajɐ]. Bortoni-Ricardo (2004) ressalta que esse fenômeno sociolinguístico é comum em zonas rurais, assim como a supressão do “r” ao final de algumas palavras.

Diante do exposto, propõe-se esta análise para ser trabalhada em sala de aula, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, especificamente, 9º ano, em virtude da BNCC (2017) propor para esta etapa de ensino que o aluno deve saber reconhecer, valorizar e legitimar a variação linguística, como também exige-se a prática contínua de práticas de letramento e multiletramento envolvendo conteúdos diversos, inclusive, variação linguística. Nesse viés, a música *Cuitelinho*, de Pena Branca e Xavantinho, permite um estudo produtivo em relação à diversidade linguística, pois tal canção evidencia uma linguagem repleta de variantes advindas dos falares das classes menos favorecidas da sociedade.

Como resultado, promove-se a valorização desses falares e, conseqüentemente, a legitimação da cultura do estudante. Além disso, esta análise possibilita a universalização de práticas de letramento, isso porque se analisa a música de forma crítica em um viés sociolinguístico, tencionando amenizar as situações de preconceito linguístico em sala de aula. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2012) afirma que as práticas de letramento envolvendo a variação linguística são pouco recorrentes nas escolas. Isso explica os resultados alarmantes em pesquisas realizadas por Bortoni-Ricardo (2004), Ferrarezi Junior (2014), Bagno (2015) e outros, sobre como a língua é trabalhada nas escolas, o que explica, por exemplo, significativa parcela dos problemas envolvendo leitura e escrita.

Portanto, Bortoni-Ricardo (2012, p. 121) ressalta que cabe aos professores de Língua Portuguesa assumir a posição de “[...] que a língua padrão e o dialeto são componentes funcionais no repertório dos falantes. Ambos serão usados em sala de aula,

cumprindo funções diferenciadas”. Logo, deve-se pensar em práticas de letramento e multiletramento que desenvolvam a competência comunicativa do estudante, englobando as variantes cultas e não cultas, tornando-os, assim, políglotas da sua própria língua. Nesse contexto, a proposta pedagógica sugerida neste estudo, não resolverá os problemas de linguagem existentes nas escolas, mas configura-se como o instrumento que pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, o qual preza pelo desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, valorizando também as formas linguísticas postas como “erradas”, “feias” e “pobres”.

5. Considerações finais

Mediante a análise realizada na letra da canção *Cuitelinho*, de Pena Branca e Xavanzinho, foram constatadas inúmeras variantes socialmente estigmatizadas com o fenômeno sociolinguístico *Despalatização seguida de iotacismo*, como as palavras: parentaia, navaia, bataia, faia e atrapaia. Nesse caso, a música em questão é uma boa opção para se trabalhar o ensino de variação linguística nos Anos Finais do Ensino Fundamental, uma vez que ela promove uma reflexão sobre o processo de estigmatização dos falares oriundos das classes menos favorecidas economicamente.

Para mais, é possível também proporcionar uma reflexão concernente ao preconceito linguístico, problemática educacional e social que ocasiona uma série de problemas, principalmente, insegurança linguística no falante da língua, o qual é oprimido e silenciado. Tal processo de silenciamento, imposição e opressão inicia-se na escola, que legitima e aborda no processo de ensino somente as variedades padronizadas da língua, baseadas nas gramáticas normativas. Portanto, são necessárias práticas de letramento que envolvam todos os falares, prestigiados ou não.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLe) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, assim como à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento do Maranhão (FAPEMA), por financiar esta pesquisa.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Variação linguística e atividades de letramento em sala de aula. In: Angela B. Kleiman (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2012, p. 119-143.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 16 set. 2025.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria Nunes de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer a sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FERRAREZI JR., Celso. **Pedagogia do Silenciamento**. São Paulo: Parábola, 2014.

FREITAG, R. **Variação linguística: diversidade e cotidiano**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2025.

INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL – INAF. **Alfabetismo Funcional no Brasil**. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>. Acesso em: 16 set. 2025.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. Metodologia, métodos e técnicas de pesquisa. In: MASCARENHAS, Sidnei Augusto (Org.). **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo, SP: Pearson, 2018, p. 33-59.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica, conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 9-14.

NUNES, Maira; PERUYERA, Matias. Tipos de pesquisa. In: NUNES, Maira; PERUYERA, Matias. **Metodologia científica aplicada à publicidade**. 1. ed. São Paulo: Contentus, 2021, p. 28-43.

ROSA, Lília de Oliveira. **Musicalização na escola: do infantil aos anos iniciais do ensino fundamental**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2022.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 11. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais**. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016.

I FIBAPE

22 A 24 de setembro de 2025

XANDO, Antonio; VANZOLINI, Paulo. Cuitelinho. *In*: BRANCA, Pena;
XAVANTINHO. Cio da Terra. São Paulo: Continental, 1987. Disponível em:
<https://www.lettras.mus.br/pena-branca-e-xavantinho/48101/>. Acesso em: 14 set. 2025.